



**(CIBER)ATIVISMOS E LUGARES DE EXISTÊNCIA SOCIAL:
VOZES PLURAIS NO COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

**(CYBER)ACTIVISMS AND PLACES OF SOCIAL EXISTENCE: PLURAL VOICES IN COMBATING
VIOLENCE AGAINST WOMEN**

**(CIBER)ACTIVISMO Y LUGARES DE EXISTENCIA SOCIAL: VOCES PLURALES PARA COMBATIR LA
VIOLENCIA CONTRA LAS MUJERES**

Renata Cristiane Martins Coronel¹
Iracema Cristina Fernandes da Silva²
Terezinha Fernandes Fernandes³

RESUMO

Este artigo apresenta o resultado de um projeto de extensão desenvolvido no final do ano de 2021 e início de 2022 para estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia, modalidade à distância, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com ações abertas à comunidade externa. O objetivo foi mobilizar o engajamento das estudantes no enfrentamento à violência contra as mulheres, por meio de ações educativas e de parcerias que pudessem servir de apoio às práticas docentes e também às políticas de prevenção contra a violência de gênero. A base metodológica foi de inspiração na pesquisa-formação na cibercultura, por trazer a complexidade e heterogeneidade dos processos formativos que intensificam a emergência de saberes, de autorias cidadãs na formação pessoal e na história de vida de cada praticante envolvido no projeto (SANTOS, 2019). Os resultados descrevem e apontam as potencialidades dos encontros *on-line* para a formação de professoras por serem disparadores de reflexões sobre a mobilização e engajamento das estudantes no enfrentamento à violência contra as mulheres. Podemos concluir que as práticas e parcerias desenvolvidas possibilitaram reflexões, debates e apropriações pelas estudantes participantes do projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberativismos. Violência contra a mulher. Pesquisa-formação.

ABSTRACT

This article presents the result of an extension project developed at the end of the year 2021 and beginning of 2022 for students of the Degree in Pedagogy, distance learning modality, of the Federal University of Mato Grosso (UFMT), with actions open to the external community. The goal was to mobilize the engagement of students in confronting violence against women, through educational actions and partnerships that could serve as inspiration for teaching practices and also for prevention policies against gender violence. The methodological basis was of inspiration in research-training in cyberculture, for bringing the complexity and heterogeneity of formative processes that intensify the emergence of knowledge, of citizen authorship in personal training and in the life history of each practitioner involved in the project (SANTOS, 2019). The results describe and point out the potential of online meetings for the training of female teachers as they are triggers for reflections on the mobilization and engagement of students in confronting violence against women. We can conclude that the practices and partnerships developed inspired reflections, debates, and appropriations by the students participating in the project.

Submetido em: 25/02/2022 – **Aceito em:** 26/03/2022 – **Publicado em:** 28/04/2022

¹ Universidade Federal de Mato Grosso(UFMT)

² Universidade Federal de Mato Grosso(UFMT)

³ Universidade Federal de Mato Grosso(UFMT)



KEYWORDS: Cyberactivism. Violence against women. Research-training.

RESUMEN

Este artículo presenta el resultado de un proyecto de extensión desarrollado a finales del año 2021 e inicios de 2022 para estudiantes de la Licenciatura en Pedagogía, modalidad a distancia, de la Universidad Federal de Mato Grosso (UFMT), con acciones abiertas a la comunidad externa. El objetivo era movilizar el compromiso de los estudiantes para hacer frente a la violencia contra las mujeres, a través de acciones educativas y asociaciones que pudieran servir de inspiración para las prácticas de enseñanza y también para las políticas de prevención contra la violencia de género. La base metodológica fue de inspiración en la investigación-formación en cibercultura, por aportar la complejidad y heterogeneidad de los procesos formativos que intensifican la emergencia del conocimiento, de la autoría ciudadana en la formación personal y en la historia de vida de cada practicante involucrado en el proyecto (SANTOS, 2019). Los resultados describen y señalan el potencial de los encuentros en línea para la formación del profesorado, ya que suscitan reflexiones sobre la movilización y el compromiso de los estudiantes en la lucha contra la violencia hacia las mujeres. Podemos concluir que las prácticas y asociaciones desarrolladas inspiraron reflexiones, debates y apropiaciones por parte de los alumnos participantes en el proyecto.

PALABRAS CLAVE: Ciberactivismo. La violencia contra las mujeres. Investigación-formación.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ativismo digital ou ciberativismo tem se expandido na medida em que o acesso à internet e às tecnologias digitais tem se democratizado, atingindo a uma grande massa da população. A inteligência coletiva dentro da rede, as comunidades virtuais e a interconexão (CASTELLS, 2002) colaboraram para esse crescimento.

As mídias sociais como o Facebook, Twitter, YouTube e Google são parte do cotidiano das mulheres, em que a mobilidade ubíqua e a internet móvel (rede sem fio) propiciam essa conectividade e, neste contexto cibercultural, os movimentos ciberativistas de mulheres têm mostrado a sua (re)existência nas redes sociais. O ciberativismo como uma prática social abarca vários movimentos sociais, políticos e culturais, utilizando-se das redes digitais para atingir seus objetivos desde os anos 1990.

Com os resultados dos ciberativismos de mulheres professoras e estudantes de pós-graduação e de graduação, por meio de um curso de extensão aberto também para a comunidade externa, é que dialogamos neste artigo, para refletir sobre a importância de práticas educacionais pautadas na sensibilização às formas de silenciamento das mulheres, apresentando as ações desenvolvidas e os resultados do Projeto de Extensão “(Ciber)Ativismos e Lugares de Existência Social: vozes plurais no combate à violência contra a mulher”, apresentando as ações desenvolvidas e os resultados, ainda que parciais, deste projeto.

O objetivo do curso de extensão foi mobilizar o engajamento das estudantes no enfrentamento à violência contra as mulheres, por meio de ações educativas e de parcerias que pudessem servir de inspiração às práticas docentes e também às políticas de prevenção contra a violência de gênero.⁴

O projeto de extensão desenvolveu diversas ações *on-line*, como conferência, debates, roda de conversa, sarau literário e oficina de produção de narrativas de si com mídias digitais; foram realizadas *lives* abertas e transmitidas pelo YouTube, no canal “Multiletramentos críticos e ciberfeminismos plurais” (EMCIP em Rede)⁵, no qual se encontram os vídeos das atividades síncronas realizadas, de forma a democratizar o conteúdo, possibilitando também que as participantes acessassem em seu tempo individual de estudo.

Os resultados que emergiram das mediações, interações e aprendizagem realizadas durante a experiência estão organizados neste artigo em sete seções; a primeira seção apresenta a metodologia que inspirou o desenvolvimento do projeto. A segunda seção traz um panorama do projeto de extensão e as suas potencialidades formativas. A terceira seção discorre sobre o tema da violência contra a mulher. A quarta seção aborda as noções de sororidade e dororidade. A quinta seção discute sobre o discurso de ódio contra a mulher. A sexta seção debate sobre o tema empoderamento. Na sétima seção, discutimos sobre as narrativas de si produzidas pelas participantes e, por fim, as considerações finais apresentam as discussões, as reflexões e os posicionamentos acerca da experiência.

INSPIRAÇÕES METODOLÓGICAS

Lançamos mão, como inspiração metodológica para os estudos e para o desenvolvimento do curso de extensão realizado, da pesquisa-formação na cibercultura utilizada em Santos (2019), que “concebe o processo de ensinar e pesquisar a partir do compartilhamento de narrativas, imagens, sentidos e dilemas de docentes e pesquisadores pela mediação das interfaces digitais” (SANTOS, 2019, p. 19). Lançamos um olhar amplo e heterogêneo aos processos de formação de professoras e à sua compreensão sobre a construção de fenômenos que emergem na cultura contemporânea, como o ciberativismo de mulheres.

Ainda para a autora, é importante que, “no exercício da pesquisa e da formação docente, vivenciemos experiências formativas que agreguem o potencial comunicacional das tecnologias com a implicação metodológica e epistemológica da pesquisa-formação” (SANTOS, 2019, p. 60); assim, este estudo se materializa pela prática da participação de todas as integrantes de uma experiência formativa na educação, envolvendo o uso das tecnologias digitais em seus cotidianos

⁴ Acesso disponível em: (<https://siex.ufmt.br/Comum/Projeto/Detalhes?projetoUID=7840>)

⁵ Acesso disponível em: (https://www.youtube.com/results?search_query=emcip+em+rede)

para interatuar na internet. Podemos dizer que a pesquisa-formação na cibercultura permitiu desenvolvermos percursos formativos imbricados com o contexto social e cultural, dialogando e cocriando cultura, saberes e conhecimentos.

Em virtude da pandemia da Covid-19 e, por consequência, as restrições das atividades presenciais na escola e na universidade potencializaram o consumo, a criação e a produção das nossas vidas pessoais, acadêmicas e profissionais com o uso das tecnologias digitais em rede, o que favoreceu, também, a produção de novos sentidos às práticas sociais e educacionais na cibercultura. Assim também foi a experiência que realizamos em seis polos de Educação à Distância (EaD) no estado de Mato Grosso, no curso de Pedagogia, modalidade à distância, da Universidade Federal Mato Grosso (UFMT), no curso de Extensão “(Ciber)Ativismos e Lugares de Existência Social: vozes plurais no combate à violência contra a mulher”, coordenado pela professora e pesquisadora xxxxxxxxxx xxxxxxxxxx (Protocolo SIEEx UFMT nº 171120211338181896), com a participação das estudantes de mestrado e doutorado, primeira e segunda autoras deste artigo, membros do Laboratório de Estudos sobre Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação (LÊTECE), do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFMT, no apoio técnico ao projeto.

O projeto iniciou no dia 20 de novembro de 2021, durante os “16 dias de ativismo pelo fim da violência contra mulheres”, mobilização mundial que iniciou em 1991 e ocorre em mais de 160 países, sendo que o Brasil aderiu a esse movimento em 2003. Essa prática é um desdobramento da campanha empreendida pela Organização das Nações Unidas no Brasil (ONU) que, em 2021, teve como tema “Onde você está que não me vê?”, com o conceito “Somos Nossa Existência”⁶. Diversos coletivos movimentos feministas aderiram a campanha, organizando-se através das redes sociais e utilizando-se de # (*hashtags, tags*), como: #16dias, #OndeVocêEstáQueNãoMeVê?, #SomosNossaExistência, #UNASE e #PinteOMundoDeLaranja. A campanha tem como objetivo dar visibilidade às diferentes formas de atuação no combate a invisibilização e violência que as mulheres e meninas enfrentam, mobilizando ações e activismos para a prevenção e eliminação de diferentes formas de violências⁷.

Nesta mesma intenção, o curso de extensão teve as suas ações e atividades acadêmicas exclusivamente *on-line*, com o uso da plataforma YouTube e seu *chat* e o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do curso e suas interfaces; ele contou com 59 participantes inscritas. O desenho didático do curso foi organizado em cinco unidades, sendo que para cada uma disponibilizamos interfaces do AVA para o diálogo e compartilhamento de materiais, bem como usamos o Youtube para a transmissão da parte da programação destinada à comunidade, conforme sintetizamos:

⁶Disponível em: (<https://brasil.un.org/pt-br/101669-onu-lanca-campanha-nos-16-dias-de-ativismo-pelo-fim-da-violencia-contra-mulheres>).

⁷ Disponível em: (<https://siex.ufmt.br/Comum/Projeto/Detalhes?projetoUID=7840>).



Desenho didático:

Unidade I - Lugares: social e de existência: a mulher no mapa da violência;

Unidade II - Sororidade e Dororidade: de mãos dadas para enfrentar as dores;

Unidade III - Empoderamento: reinventando existências e resistências;

Unidade IV – Discursos de ódio contra mulheres na internet;

Unidade V - Narrativas de si: Onde você está que não me vê? - Somos Nossa Existência.

Plataformas e interfaces digitais usadas em cada uma das unidades do curso:

YouTube - Lives abertas à comunidade sobre os temas de cada unidade de estudo, materializadas em conferência, roda de conversa, debate, sarau literário e oficina;

Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do curso de Pedagogia EaD, em que o curso contou com espaço específico para cada unidade de estudo, com as interfaces:

Fórum – Conversas sobre/com o projeto e curso de extensão;

Midioteca – Mulheridades: para compreender as opressões e violências e outros materiais indicados (leituras básicas e complementares);

Saiba Mais – Vidas Mulheres: vídeos, livros, *lives*, documentários etc.;

Envio de arquivo – Oficina de produção de narrativas de si – “Onde você está que não me vê? Somos nossa existência”, com múltiplas linguagens digitais;

As discussões pautaram-se nas relações de gênero, raça e classe/renda como sistemas que se interseccionam, estruturam a sociedade e geram opressões e violências contra as mulheres e que se tornaram mais evidentes com a pandemia⁸; esses foram temas do curso de extensão, analisados qualitativamente, e serão apresentados nas próximas seções.

O PROJETO DE EXTENSÃO E AS SUAS POTENCIALIDADES FORMATIVAS COM O DIGITAL EM REDE

A cultura machista e estrutural de violência de gênero vai além da agressão física. Sabemos que há um alto índice de feminicídio, o homicídio baseado no ódio de gênero, o qual, juntamente com outras violências, como a verbal, assédio, importunação sexual, estupro, fazem com que as mulheres estejam expostas e, na maioria dos casos, sem nenhuma rede de proteção⁹. Neste sentido, é de grande relevância promover o engajamento e a sensibilização das estudantes do curso de Pedagogia, modalidade à distância, em práticas educativas que possam debater os sistemas estruturais do colonialismo, patriarcado e capitalismo e os atravessamentos cotidianos

⁸ Disponível em: (<https://siex.ufmt.br/Comum/Projeto/Detalhes?projetoUID=7840>).

⁹ Rede de proteção é aqui compreendida como o desenvolvimento de estratégias efetivas de prevenção e proteção, assim como políticas que garantam a construção da autonomia das mulheres tendo em vista o respeito aos seus direitos.

em suas vidas, possibilitando a busca de superação das opressões que se materializam em diversas violências contra as mulheres¹⁰.

Em seus estudos sobre a violência e os discursos de ódio contra a mulher negra nos *sites* de redes sociais, Rocha e Brandão (2020) afirmam que

[...] isso explica-se pelo fato de que elas são as maiores vítimas de nossa sociedade patriarcal, estando, desde os primórdios do desenvolvimento da comunidade brasileira, em último lugar na escala social no que se refere a questões salariais, embora sejam mais escolarizadas quando comparadas aos trabalhadores de sexo masculino, sendo estatisticamente mais atingidas pela violência doméstica (ROCHA; BRANDÃO, 2020, p. 194).

No contexto da situação pandêmica em que o curso “(Ciber)Ativismos e Lugares de Existência Social: vozes plurais no combate à violência contra a mulher” foi realizado, foram apresentados dados sobre o aumento dos números de casos de mulheres que sofreram e ainda sofrem os mais variados tipos de violências, evidenciando a situação das mulheres negras, como mostra o infográfico do Monitor da Violência Contra a Mulher, realizado pelo Núcleo de Estudos da Violência da USP, em parceria com o G1 – Portal de Notícias da Central Globo, que tem por objetivo trazer dados das diversas violências no país.

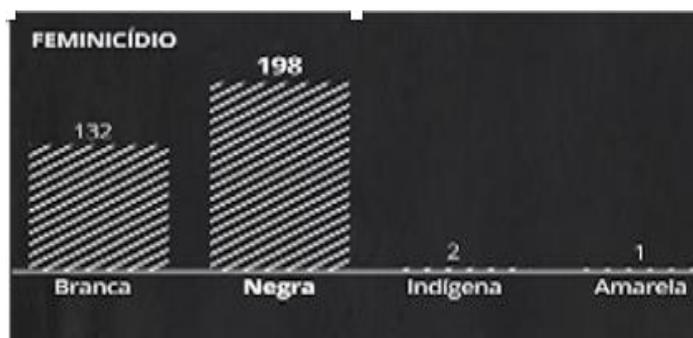


Figura 1 – Monitor da Violência Contra a Mulher

Fonte: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/mulheres-negras-sao-as-principais-vitimas-de-homicidios-ja-as-brancas-compoem-quase-metade-dos-casos-de-lesao-corporal-e-estupro.ghtml>

Os dados revelam as lutas, tanto das mulheres brancas quanto das mulheres negras, porém, fica evidente que as mulheres negras são as que mais sofrem violências. Diante do exposto, “(...) não podemos mais ignorar o padrão global basililar e administrador de todas as opressões (...)” (AKOTIRENE, 2019, p. 16), construídas heterogeneamente nestes grupos, vítimas das colisões múltiplas do capacitismo, terrorismo religioso, cisheteropatriarcado e imperialismo.

¹⁰ Disponível em: (<https://siex.ufmt.br/Comum/Projeto/Detalhes?projetoUID=7840>).

Os dados apontam a importância de a educação trazer para o debate as questões de gênero, raça e classe/renda para o campo da formação, para que o conhecimento sobre temas feministas possa contribuir com o desenvolvimento de um repertório de saberes para uma consciência crítica ao enfrentamento dessas violências e opressões.

Se examinarmos criticamente o papel tradicional da universidade na busca da verdade e na partilha de conhecimento e informação, ficará claro, infelizmente, que as parcialidades que sustentam e mantêm a supremacia branca, o imperialismo, o sexismo e o racismo distorceram a educação a tal ponto que ela deixou de ser uma prática da liberdade (HOOKS, 2013, p. 45).

As discussões tecidas nos espaços *on-line* do curso, com as participantes geograficamente dispersas, em uma conexão coletiva e colaborativa, possibilitaram potentes reflexões que coadunam com resistências às variadas formas de opressão. Como no poema “Vozes Mulheres”, de Conceição Evaristo, as vozes de mulheres professoras/pesquisadoras ecoaram em nossas telas durante os encontros síncronos e formativos, denunciando essas problemáticas, anunciando a emergência de reflexões sobre esses fenômenos na vida das mulheres e possíveis formas de superação, materializadas em produções escritas realizadas pelas participantes.



Figura 2: Fórum – Mulheridades: para compreender as opressões e violências

Fonte: <https://setec.ufmt.br/ava/graduacao-ead/mod/forum/view.php?id=7067&forceview=1>

Percebemos, na efervescência das discussões, o protagonismo e as autorias das mulheres participantes nas atividades propostas no curso, constituindo-se com e em rede. A cultura contemporânea que denominamos cibercultura propicia a circulação de informações e conhecimentos na cidade-ciberespaço (SANTOS, 2019), como podemos observar no excerto abaixo:



Muito já conquistamos, Muito falta conquistar...
por EDISLENE CONCEIÇÃO DOS REIS - terça, 21 dez 2021, 10:52

A nossa sociedade e políticas públicas ainda não conseguem resolver o problema da opressão e violências contra nós mulheres desde as mais sutis como o assédio moral, até a mais cruel como o feminicídio. Por esse motivo a sociedade precisa estar atenta aos abusos para tomar as medidas cabíveis para defender nossos direitos. Direito de sonhar e lutar para realizar, direito de escolher viver e como viver.

[Link direto](#) [Editar](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Figura 3: Fórum – Mulheridades: para compreender as opressões e violências

Fonte: Captura de tela do AVA do curso de extensão: <https://setec.ufmt.br/ava/graduacao-ead/mod/forum/view.php?id=7067&forceview=1>

Na complexidade dos temas propostos para as discussões durante o curso, observamos a abertura das participantes em aprender e reconhecer que outras formas de vida são possíveis quando superamos as violências e opressões como sistemas estruturais, materializando-se na busca por conhecimento sobre o tema, dignidade, respeito aos direitos fundamentais e liberdade para escolher como viver, conforme o lugar social e de existência que as mulheres merecem ocupar.

LUGARES – SOCIAL E DE EXISTÊNCIA: A MULHER NO MAPA DA VIOLÊNCIA

No dia 25 de novembro, Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, o primeiro encontro formativo foi com a professora/pesquisadora Mory Marcia de Lobo (LêTece/PPGE/UFMT), trazendo provocações e reflexões sobre os modos de vida das mulheres negras, contextualizando a subjetividade das mulheres com o conceito de “despersonalização”, tema de sua tese de doutorado, que é a modificação da sensação a respeito de si própria, compreendida por um processo de alteração subjetiva que diz respeito ao irreal, distante ou artificial, apoiando-se na psicanálise e análise de discurso para pensar a despersonalização da mulher.

Discussões envolvendo o determinismo biológico, ideologia da domesticidade, estereótipos e estigmas por gatilhos mentais e emocionais, silenciamento, invisibilidade, adoecimento psicológico e doenças psicossomáticas foram trazidas pela palestrante, visando contribuir com reflexões no entorno dos sistemas de poder usados para controlar as mulheres. Para a palestrante, há um mecanismo de dominação racial, machista, de biopoder, que sucumbe aos esforços em favor de direitos fundamentais e lutas pelo respeito à dignidade da mulher.



Palestra: Lugares, social e de existência: a mulher no mapa da violência



Palestra: Lugares, social e de existência: a mulher no mapa da violência

Figura 3 e 4: Palestra: Lugares: social e de existência: a mulher no mapa da violência
Fonte: Captura de tela dos slides da palestra: <https://www.youtube.com/watch?v=STUrwSpWMw0&t=3s>

Os dados de violência contra a mulher são alarmantes e, como fenômenos sociais e culturais de violência de gênero, precisam ser combatidos. Sardenberg e Tavares (2016, p. 8) entendem que “violência de gênero diz respeito a qualquer tipo de violência (física, social ou simbólica) que tenha por base a organização social dos sexos e que seja perpetrada contra indivíduos especificamente em virtude do seu sexo, identidade de gênero ou orientação sexual”. Esse tipo de violência é desencadeado na vida das mulheres independentemente da classe social, raça ou religião, como resultado de um sistema patriarcal e excludente.

Nesta unidade do curso, houve a indicação de alguns materiais, como do livro “Mulheres, Raça e Classe”, de Angela Davis (2016), abarcando reflexões teóricas e filosóficas, bem como críticas sobre racismo, sexismo e exploração capitalista no âmbito dos estudos feministas. Também foi indicado o documentário “O silêncio dos homens”, que discute os estereótipos e silêncios do universo masculino a partir de experiências e vivências em contextos machistas, evidenciando

reflexões importantes também para as mulheres. E, por fim, o livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, obra importante em que, partindo da perspectiva de uma mulher negra, pobre e favelada, que vive todas as mazelas sociais, é possível refletir sobre as múltiplas opressões sofridas por mulheres vítimas, interseccionando as categorias de raça, classe/renda e gênero na realidade vivida pelas mulheres que ocupam a base da pirâmide em nossa sociedade.

SORORIDADE E DORORIDADE: DE MÃOS DADAS PARA ENFRENTAR AS DORES

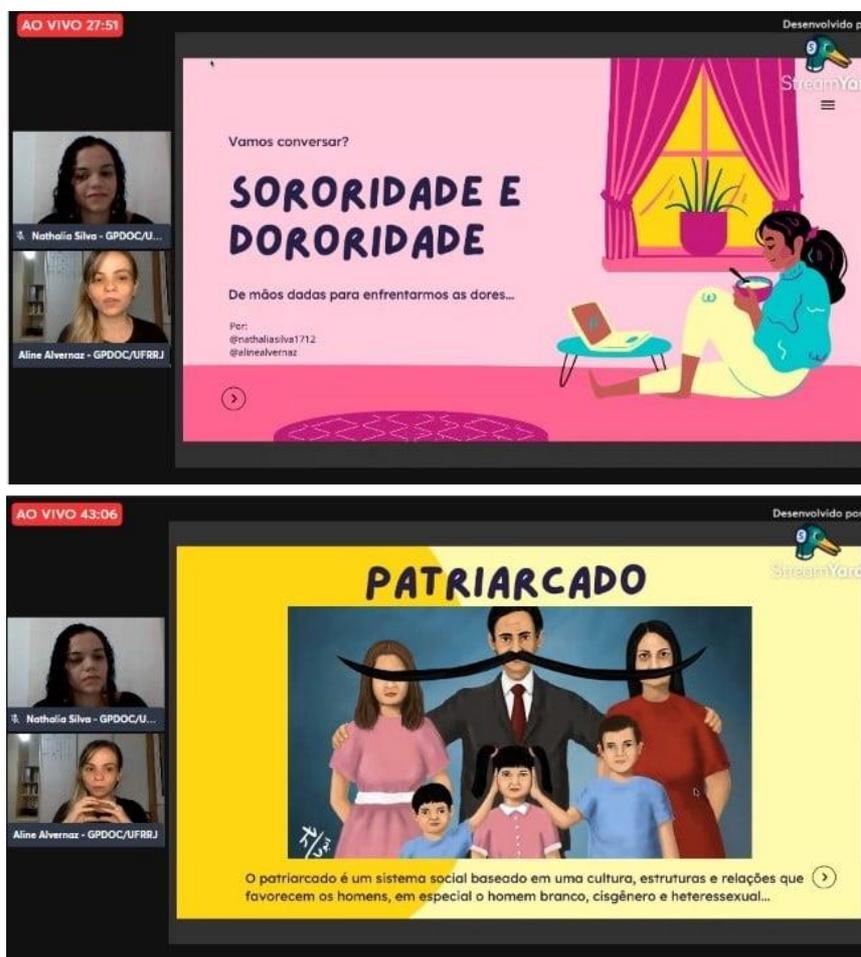
No segundo encontro formativo, tivemos a participação da coordenadora do curso de Licenciatura em Pedagogia EaD da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Turma 2020, professora Mirian Sewo, que trouxe para o debate a importância da formação, dos estudos, das ações e dos ativismos na prevenção da violência contra as mulheres e um panorama nacional com números, dados e diferentes formas de violências sofridas por mulheres, além do aumento do feminicídio durante o período da pandemia. A professora apresentou uma carta elaborada pelo “Coletivo de Mulheres Camponesas e Urbanas”¹¹, que tem por objetivo revelar dados disponibilizados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que busca compreender o aumento das diversas violências sofridas pelas mulheres durante a pandemia da Covid-19, destacando que as mulheres pretas sofrem mais violências e assédios em relação às mulheres pardas e brancas. A professora ainda compartilhou um calendário com orientações e alertas sobre os sinais de quando um relacionamento se torna abusivo, bem como formas de enfrentamento desta realidade.

As professoras e pesquisadoras Nathália Silva e Aline Alvernaz, membros do grupo Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC), realizaram a roda de conversa “Sororidade e Dororidade: de mãos dadas para enfrentar as dores”. A unidade de estudos contou com a indicação de diversos materiais, como *lives* sobre sororidade e dororidade (2020), a obra “Dororidade” de Vilma Piedade (2017), poemas de Conceição Evaristo, *lives* e perfis de mulheres ativistas no Instagram, que enriqueceram os estudos e debates no decorrer do curso.

Para as pesquisadoras, sororidade é empatia, união, companheirismo entre as mulheres na busca de desenvolver o respeito e chegar a objetivos comuns. “Sororidade vem de “sórora”, que no latim significa “irmã”; é a ideia de um grupo de irmãs, mulheres unidas” (SOUZA, 2016, p. 45). Vilma Piedade define a dororidade, que “carrega no seu significado a dor provocada em todas as mulheres pelo racismo [...] mulheres pretas têm um agravo nessa dor. A pele preta nos marca na escala inferior da sociedade. A dor cunhada pela escravidão” (PIEDADADE, 2017, p. 17-18). Piedade (2017) destaca ainda que um conceito precisa do outro, sororidade e dororidade, um contém o outro.

¹¹ Disponível em: <https://m.facebook.com/COMUCAMT/>

O termo dororidade foi ampliado pela autora Marcela Lagarde (2012), como uma prática que implica a liberdade de pensamento para lutar contra estereótipos patriarcais. Este termo ainda é destacado durante a conversa como um importante movimento de todas as mulheres, no qual a dor se transforma em potência (PIEIDADE, 2017), visando somar esforços por meio da partilha das dores que se tornam disparadoras para conversas, projetos coletivos, escrita de si, entre outras formas de empoderamento coletivo que criam espaços formativos entre mulheres.



Figuras 5 e 6: Segunda *live* desenvolvida pelo projeto de extensão

Fonte: Captura de tela dos *slides* da palestra: <https://www.youtube.com/watch?v=dvQc5x5GWeE>

O sistema patriarcal e suas nuances fortemente presentes no cotidiano das mulheres, como um sistema de opressão que atravessa e estrutura nossa sociedade, foi um dos pontos do debate, no sentido de trazer reflexões para se pensar em mecanismos de combate à naturalização da violência contra a mulher. As pesquisadoras trouxeram uma sugestão de atividade para trabalhar a educação feminista em sala de aula, tendo como apoio as tecnologias digitais em rede para pensar teorias e práticas docentes para a mobilização de professores e professoras no enfrentamento à violência contra as mulheres junto aos estudantes. Tais proposições e atividades



poderão servir como disparadoras para que as estudantes do curso de extensão possam perceber as potencialidades da formação e compartilhar também com outras mulheres.

DISCURSO DE ÓDIO CONTRA A MULHER

No terceiro encontro formativo, a professora Maria Aparecida Rezende, coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia, modalidade EaD, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), trouxe um debate acerca do lugar social e de fala das mulheres indígenas. A pesquisadora das questões relacionadas à mulher indígena destacou, por meio das suas vivências e estudos nas comunidades indígenas, o quanto essas mulheres são silenciadas socialmente, assim como a invisibilidade que permeia a vida delas, como são tecidas as relações entre homens e mulheres e as percepções sobre os corpos delas na cultura indígena.

A professora e pesquisadora Dra. Telma Brito Rocha, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que estuda o tema da violência contra a mulher desde a sua tese de doutorado, enfocando os discursos de ódio no *site* de rede social Orkut, realizou uma conferência sobre o tema “Discursos de Ódio Contra Mulheres” nesta unidade do curso de extensão, na qual sugeriu como leitura o artigo “Interseccionalidades em pauta: gênero, raça, sexualidade e classe social” (ROCHA; BRANDÃO, 2020) e o *Podcast* “Praia dos Ossos”; como material complementar, sugerimos um artigo que trata sobre “Violência discursiva contra Mulheres” (FERNANDES; SANTOS, 2020), dentre outros materiais.

 TEMA 3 - Discursos de Ódio Contra Mulheres: diálogo interseccionais

 Conferência: Discursos de Ódio Contra Mulheres

Telma Brito Rocha – Universidade Federal da Bahia (UFBA)


 MATERIAIS INDICADOS

ROCHA, Telma Brito. BRANDÃO, Cleyton Williams G. da S. Violência, discursos de ódio, mulheres negras e interseccionalidade: o caso Tia Mã. In SILVA, Ana Lúcia Gomes da. SILVA, Jerônimo Jorge Cavalcante. AMAR, Victor (Org). *Interseccionalidades em pauta: gênero, raça, sexualidade e classe social*. Salvador: EDUFBA, 2020. (Ler o capítulo da p. 191).

<file:///C:/Users/home/Downloads/interseccoesempauta-repositorio.pdf>

Figura 7: Unidade do curso de extensão sobre “Discursos de Ódio Contra Mulheres”

Fonte: Captura de tela do AVA do curso de extensão: <https://setec.ufmt.br/ava/graduacao-ead/course/view.php?id=272>

A pesquisadora destacou que seus estudos abordam também as violências verbal e psicológica contra mulheres na escola, tanto por parte dos alunos quanto nas práticas docentes, buscando compreender os conflitos que interferem na aprendizagem escolar. Com a evolução dos *sites* de redes sociais, seus estudos se voltaram também para as situações de conflito que se configuravam em discursos de ódio em posicionamentos políticos, religiosos, de classes sociais e de gênero na internet, conceitualmente conhecido como *cyberbullying*.

O *cyberbullying*, segundo a pesquisadora, é uma das suas áreas de estudo, no qual associa o discurso de ódio que vai se constituindo em torno da violência contra as mulheres, uma vez que, segundo ela, geralmente, é motivado por uma questão de preconceito e discriminação.

A pesquisadora pontua, ainda, que essa problemática envolve uma dimensão político-social, pois são relações de poder e de dominação, que deixam marcas como a impunidade, a morosidade dos processos e a necessidade de políticas públicas para dar conta dessas demandas, que inferiorizam e anulam a mulher em nossa sociedade. Por fim, a pesquisadora reforçou a importância deste momento formativo, para romper com os discursos que oprimem e desqualificam a mulher, refletindo assim sobre as diversas dimensões das violências contra as mulheres.

Essas violências são manifestadas de formas variadas, e são mais bem compreendidas pelo foco da interseccionalidade; por meio dos seus referenciais, que nos possibilitam uma melhor compreensão sobre as desigualdades, as discriminações e opressões presentes na sociedade no que se refere aos discursos de ódio, às relações sociais de raça/etnia, sexo, classe e outros. Segundo Crenshaw, interseccionalidade é

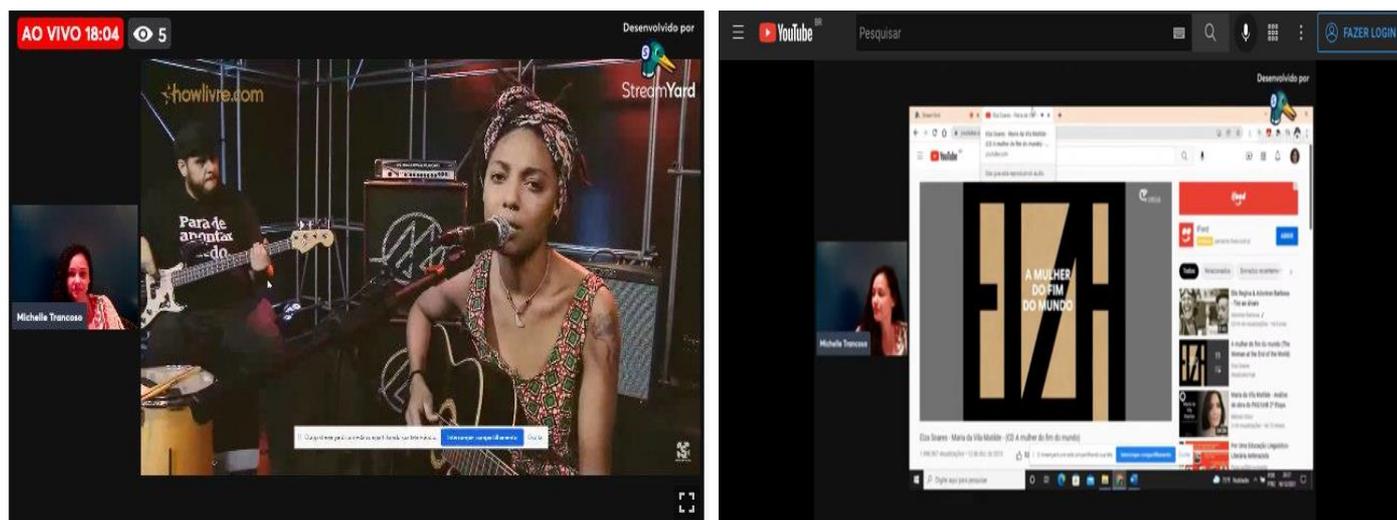
[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ele trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Compreender a interseção ou a sobreposição das estruturas de poder que movem as vulnerabilidades preexistentes possibilita enxergarmos as lacunas gritantes nas relações de gênero, nas diversas formas de discriminação, opressão e intolerância existentes. O termo abarca muitos sentidos na luta e nos enfrentamentos sociais. Então, qualquer discurso que inferiorize ou incite o ódio contra mulheres, grupos ou pessoas deve ser combatido.

EMPODERAMENTO: REINVENTANDO EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

No quarto e último encontro síncrono, a professora e pesquisadora Michelle Viana Trancoso, da Universidade Estácio de Sá (RJ) e membro do grupo (GPDOC), realizou um sarau literário com o tema: “Empoderamento: reinventando existências e resistências”, com uma dinâmica interativa com as participantes do curso. Para a pesquisadora, o sarau literário é de extrema importância para afetar a outra pelo outro corpo, ou seja, cada mulher é única e possui histórias diferentes umas das outras, evidenciando diferentes formas de opressão.

A pesquisadora discutiu o tema por meio de músicas e poemas que abordam a luta das mulheres contra a violência e que, pela arte, são formas de resistência, como “De dentro do Ap”, de Bia Ferreira, e “Maria da Vila Matilde”, de Elza Soares. Também com as narrativas de mulheres pretas presentes nas canções, debateu sobre as múltiplas formas de opressão e violência vividas pelas mulheres.



Figuras 8 e 9: Quarta live desenvolvida pelo projeto de extensão

Fonte: Captura de tela dos slides da palestra: <https://www.youtube.com/watch?v=cp4PWvhmYsY>

Outra proposição realizada durante o sarau foi a leitura e as reflexões sobre os poemas “Alfanje”, de Neide Almeida (2019), “A canção do africano”, de Castro Alves (Os escravos, 1863) e “Vozes mulheres”, de Conceição Evaristo (2017), buscando os ritmos marcados nas narrativas sobre as dores que ecoam na vida das mulheres, como no excerto do poema de Conceição Evaristo:

[...] A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela [...] (Vozes Mulheres, Conceição Evaristo, 2017).

A pesquisadora também compartilhou os estudos do mestrado, no qual seu dispositivo de pesquisa-formação foi a transmediação da obra “Para educar crianças feministas”, de Chimamanda Ngozi Adichie (2017), realizada em uma turma do primeiro ano, ressaltando a importância dessas reflexões nos processos de formação e espaços formativos desde os anos iniciais do ensino fundamental, como uma forma de enfrentamento aos mecanismos de poder que operam sobre a mulher para desenvolver um pensamento crítico.

Com as canções e os poemas apresentados, as participantes do curso foram convidadas a perceber as vozes mudas e caladas das mulheres, que são historicamente silenciadas pelo patriarcado. A pesquisadora destacou a importância dos processos de formação e da leitura das bases teóricas feministas, bem como da construção de memórias de mulheres para eliminar todas as formas de opressão e silenciamento.

Nesta unidade do curso de extensão, a obra “Empoderamento”, de Joyce Beth (2018), da coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamila Ribeiro, foi indicada por nós como leitura básica para o aprofundamento sobre o tema.

NARRATIVAS DE SI: ONDE VOCÊ ESTÁ QUE NÃO ME VÊ? – SOMOS NOSSA EXISTÊNCIA

A proposição lançada como atividade final do curso, obrigatória para o recebimento da certificação com a carga horária de 30 horas, aconteceu de forma assíncrona no AVA e se constituiu em uma oficina de produção das narrativas de si, conduzida pela coordenadora do projeto e pelas estudantes de pós-graduação que atuaram como apoio técnico. Nesta oficina, cada participante produziu a sua narrativa de si, o objetivo foi trazer as provocações relacionadas com as opressões e violências vividas como mulher em diálogo com os temas debatidos no curso. A respeito das narrativas de si em processos de formação, Josso (2002) afirma que

(...) a narração de si, sob o ângulo da sua formação, por meio do recurso a recordações-referências que balizam a duração de uma vida, exige uma atividade psicossomática a vários níveis. No plano da interioridade, implica deixar-se levar pelas associações livres para evocar as suas recordações-referências e organizá-las numa coerência narrativa à volta do tema de formação (JOSSO, 2002, p. 28-29).

As narrativas são um potente dispositivo para a construção de reflexões sobre os processos de vida e formação, pois possibilitam aflorar autorias de vozes muitas vezes silenciadas, assim como para estabelecer diálogos coletivos e colaborativos entre as participantes durante a formação.

A oficina de narrativas de si “Onde você está que não me vê? – Somos Nossa Existência”, desenvolvida no AVA, contou com orientações/critérios para a elaboração e produção das narrativas e diversos materiais de apoio no Saiba Mais: vidas mulheres em diversas linguagens digitais (documentários, *lives*, filmes, *storytelling*, música, narrativas de vida etc.) e um fórum para a postagem das autorias e criações das participantes do curso.

Home Meus Cursos ▾ Este curso ▾ Todos os cursos

 Oficina de produção de narrativas de si com múltiplas linguagens e mídias digitais - Onde você está que não me vê? – Somos Nossa Existência



Nesta oficina você produzirá a sua narrativa de si, autoral e individual, trazendo aquilo que a provocou a falar sobre si, um recorte de uma situação vivenciada em algum período da vida, relacionando às opressões e violências vividas como mulher e dialogando com os temas debatidos no curso.

Os formatos podem ser em múltiplas linguagens digitais, como: vídeo, storytelling, poesia, cordel, conto, música, imagens e textos em formato de blog, Pod Cast, documentário e outros. Para se inspirar veja os exemplos no Saiba Mais.

O prazo final para a postagem e conclusão do curso é 01 de fevereiro de 2022.

Critérios para a elaboração/produção:

- ✓ Narrativa de si autoral e individual;
- ✓ Que se relacione com possíveis opressões e violências vividas como mulher;
- ✓ Que dialogue de alguma maneira com os temas discutidos no curso;
- ✓ Que seja veiculado por uma mídia digital.

 SAIBA MAIS: Vidas Mulheres em Diversas Linguagens e Mídias

 FÓRUM: Poste aqui a sua Narrativa de si

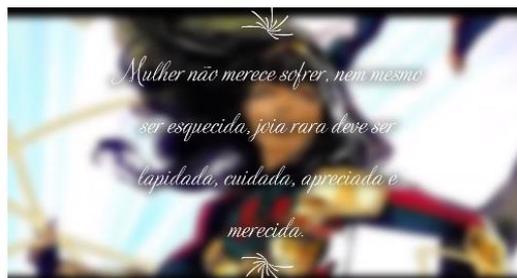
Figura 10: Desenho didático da Oficina de produção de narrativas de si
Fonte: <https://setec.ufmt.br/ava/graduacao-ead/course/view.php?id=272>

Potencializar as vozes das mulheres com o uso das tecnologias digitais em rede por meio das narrativas de si possibilitou que elas pudessem contar suas histórias e vivências, refletindo sobre uma parte de suas vidas e se sofreram algum tipo de violência, por meio de texto escrito (prova ou verso), vídeo, *storytelling*, poesia, conto, música, imagens e textos usando também o Blog do AVA, enfim, produções autorais e em múltiplas linguagens digitais.



mulher

por ELISÂNGELA MEDEIROS DE ABREU - segunda, 14 fev 2022, 16:20


[Link direto](#) [Editar](#) [Excluir](#) [Responder](#)


Ser mulher é ser única

por BELENIR COIMBRA - quarta, 19 jan 2022, 17:03

Ser mulher é ser única em tudo
Onde damos razão ao futuro
É dor e é força
Onde a superação é a vitória.

Sinto tudo
E não esqueço de nada
É aquela tão perdida
E tão encontrada
Pois tudo reside no coração
e na alma.

Durante minha infância e adolescência por ser mulher e ser do interior, sofri muitas coisas dos parentes, até mesmo abusos. Porém deixei no passado, mas isso nos marca pela vida inteira. Hoje me sinto bem melhor. Tocando a vida sempre em frente. Pois ser mulher é ser Única em Tudo e sempre.

[Link direto](#) [Editar](#) [Excluir](#) [Responder](#)

Figuras 11 e 12: Narrativas de si das participantes do curso
Fonte: <https://setec.ufmt.br/ava/graduacao-ead/mod/forum/view.php?id=7120>

Por meio das narrativas de si, é possível quebrar o silêncio das mulheres, compartilhar experiências e potencializar vozes que começam a ecoar lutas, dores e enfrentamentos diários às opressões e violências vividas. Nesse sentido, momentos formativos como este curso de extensão na universidade são espaços de potência para mobilizar reflexões sobre uma docência feminista que dê visibilidade às questões de gênero, visando uma educação libertadora, emancipatória e crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise pandêmica da Covid-19 reforçou as desigualdades sociais para as mulheres, bem como o aumento das diversas violências praticadas contra elas nas diversas dimensões da vida. Com a intenção de discutir sobre o tema, o objetivo deste artigo foi mobilizar o engajamento das

estudantes do curso de Pedagogia EaD e participantes da comunidade externa no enfrentamento à violência contra as mulheres, por meio de ações educativas e de parcerias que pudessem servir de inspiração às práticas docentes e também às políticas de prevenção contra a violência de gênero.

Por meio desta ação educativa, pudemos perceber que as diversas formas de violência contra as mulheres estão muito presentes no cotidiano e, nesse sentido, os encontros formativos possibilitaram reflexões por meio de informações, debates, dados e compartilhamento de saberes que potencializaram o desenvolvimento de uma sensibilização para a necessidade de enfrentamento desta problemática.

Os cinco momentos formativos, somados às interações, produções de narrativas e compartilhamento das vivências durante o curso, poderão servir de inspiração para as práticas docentes nas escolas e nas universidades, enriquecendo as discussões sobre os sistemas de poder estabelecidos em nossa sociedade e que refletem diretamente na vida das mulheres. O ambiente escolar e acadêmico são espaços fundamentais para o fortalecimento do debate sobre as pautas feministas nos processos formativos, assim como políticas de prevenção contra a violência de gênero.

É necessário compreender as diversas formas de violência praticadas contra as mulheres para fortalecer os processos educativos com conteúdos nos currículos de formação, os quais contemplem discussões e reflexões sobre a desigualdade de gênero e as relações com os sistemas do patriarcado e do machismo. Negar esse debate dentro dos espaços formativos é reproduzir uma lógica centrada nas ideias patriarcais e opressivas e, por essa razão, podemos compreender a urgência de espaços formativos pautados em uma educação feminista, que possa inspirar reflexões e propostas de combate ao aumento das violências sofridas pelas mulheres.

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido durante o curso de extensão e os temas abordados carecem de mais aprofundamento, e as fontes teóricas, os dados estatísticos e as práticas cotidianas de vida das mulheres são matéria-prima para continuar o debate. O curso não se limita a esta primeira experiência, temos perspectiva de continuidade das discussões em outras etapas de formação das estudantes de Pedagogia EaD e comunidade externa, bem como estudos teóricos da equipe envolvida no contexto do projeto de pesquisa na universidade, e ainda, o desenvolvimento de subprojetos na escola de educação básica, buscando, por meio de uma educação feminista e antirracista, romper com a lógica patriarcal e fortalecer uma rede educativa entre as mulheres na construção de práticas transformadoras.



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução: Denise Bottmann. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Neide. Alfanje. *In: Nossos poemas conjuram e gritam*. São Paulo: Quelonio, 2019.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. Tradução: Roneide Venâncio Majer; atualização para a 6. ed.: Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1)

CASTRO ALVES, Antônio de. **Os escravos**. Recife, 1863. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000009.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

CRENSHAW, Kimberly. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2211784&forceview=1>. Acesso em: 4 fev. 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016, 255 p.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. [S. l.]: Editora Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. Vozes-Mulheres. *In: Poemas de recordação e outros movimentos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

FERNANDES, Terezinha; SANTOS, Edméa. Ciberfeminismo e multiletramentos críticos na cibercultura. **Educar em Revista**, [S. l.], dec. 2020. v. 36, Curitiba, 2020b. *On-line*. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/76124%20Acesso%20em:%2018/02/2021>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FERREIRA, Bia. **De Dentro do Ap**. Rio de Janeiro: Laba-Laba Comunicação e Coletivo Fuligem, 2019. (4:45 min)

G1. Mulheres negras são as principais vítimas de homicídios; já as brancas compõem quase metade dos casos de lesão corporal e estupro. **O portal de notícias da Globo**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/mulheres-negras-sao-as-principais-vitimas-de-homicidios-ja-as-brancas-compoem-quase-metade-dos-casos-de-lesao-corporal-e-estupro.ghtml>. Acesso em: 13 jan. 2022.



HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio: a violência perversa no cotidiano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Lisboa: [s. n.], 2002. (Educa. Formação, 8)

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **El Feminismo en mi vida: hitos, claves, y topías**. 2012. Disponível em: www.inmujeres.df.gob.mx. Acesso em: 15 fev. 2022.

LEITE, Ian; CASTRO, Luiza de. **O silêncio dos homens**. PapodeHomem e Instituto PdH, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MORIN, Edgar. **Ciências com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PIEIDADE, Vilma. **Sororidade e Dororidade, juntas no combate da COVID-19!** Vilma Piedade, SBPCSC e Ciência da Ciência, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j5B1VGqFo3s> Acesso em: 19 jan. 2022.

PODCAST. **Praia dos Ossos**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2Kki0IWqyMWegWAF2mZOg?si=X8XrQCCKQxWQiR6MbTBUow> Acesso em: 16 jan. 2022.

ROCHA, Telma Brito; BRANDÃO, Cleyton Williams G. da S. Violência, discursos de ódio, mulheres negras e interseccionalidade: o caso Tia Má. In: SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SILVA, Jerônimo Jorge Cavalcante; AMAR, Victor (org.). **Interseccionalidades em pauta: gênero, raça, sexualidade e classe social**. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32907> Acesso em: 13 jan. 2022.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. Edição *E-book*. Disponível em: <http://www.edmeasantos.pro.br/livros> Acesso em: 13 jan. 2022.

SARDENBERG, Cecilia M. B.; TAVARES, Márcia S. (org.) **Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento**. Salvador: EDUFBA, 2016. 335 p. (Coleção Bahianas, v. 19)

SOARES, Elza. **Maria da Vila Matilde**. São Paulo: Selo Circus, 2015. (3:45 min)



SOUZA, Babi. **Vamos juntas?** – O guia da sororidade para todas. 1. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016. Disponível em: https://issuu.com/tita-nigri_editorial/docs/vamos_juntas_parte. Acesso em: 20 jan. 2022.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.